DESORDENS NO MATO GROSSO COLONIAL
TRANSCRIÇÃO COMENTADA DE UM MANUSCRITO DE 1798

Thaisa Maria Gazziero Tomazi[1]
thaisa.ufmt@gmail.com
Camila Viais Leite[2]
camilaviais@hotmail.com

Resumo: Propomos transcrever um manuscrito, um ofício, datado de 1798, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - IHGMT. No corpus em estudo serão realizadas as edições fac-similar e semidiplomática de acordo com Spina (1977) e Cambraia (2005), assim como breve análise linguística e histórica, a fim de levantar algumas peculiaridades ortográficas da língua portuguesa e situar o contexto do período, respectivamente.

Palavras-chave: Filologia, Paleografia, Forte Príncipe da Beira

Abstract: We propose to transcribe a manuscript, a craft, dated 1798, belonging to the Historical and Geographic Institute of Mato Grosso - IHGMT. In the corpus under study, fac-similar and semidiplomatic editions will be made according to Spina (1977) and Cambraia (2005), as well as a brief linguistic and historical analysis, in order to raise some orthographic peculiarities of the Portuguese language and situate the context of the period, respectively.

Key words: Philology, Paleography, Forte Príncipe da Beira

1. Introdução

O documento é um ofício do Tenente de Dragões José Manuel Cardoso da Cunha ao Governador e Capitão General Caetano Pinto de Miranda Montenegro denunciando as constantes bebedeiras do Capelão Antônio Manuel Lopes, escrito em 16 de abril de 1798 no Forte Príncipe da Beira. Encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), na pasta 69, nº 1410 - Fundo: ACBM - IPDAC.

É um manuscrito composto de dois fólios e aqui serão apresentadas as edições Semidiplomática e Fac-similar, a fim de manter a integridade do documento.

[1] Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Folium - Grupo de estudos interdisciplinares de linguística, filologia e história, coordenado pela Profa. Dra. Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (IL/PPGEL/UFMT).

[2] Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Folium - Grupo de estudos interdisciplinares de linguística, filologia e história, coordenado pela Profa. Dra. Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (IL/PPGEL/UFMT).

O acesso a esses documentos é primordial para os estudos paleográficos e linguísticos, destacando a importância de se editar documentos e contribuir para o projeto "Para a história do Português Brasileiro" PHPB[3] – MT.

Através desta transcrição comentada, podemos ter um recorte no tempo de uma amostra do estado da língua portuguesa no século XVIII e, ainda que em recorte, ter uma visão da vida sociocultural e histórica de Mato Grosso.

2. A Filologia

Para a escolha dos tipos de edição, é sabido que existem vários, que podem ser, segundo Spina[4] e Cambraia[5]: a edição fac-similar ou mecânica, a diplomática, a semidiplomática ou paleográfica, a modernizada e a edição crítica.

Para a finalidade deste trabalho, serão utilizadas as edições fac-similar e semidiplomática. Aquela, consiste na fotografia do texto, reproduz com muita fidelidade as características do original e possui um grau quase nulo de intervenção do editor. Esta, consiste em uma forma de interpretação do original, tenta melhorar o texto e possui um grau médio de intervenção do editor.

O manuscrito, pertencente ao IHGMT é acompanhado desta ficha catalográfica:

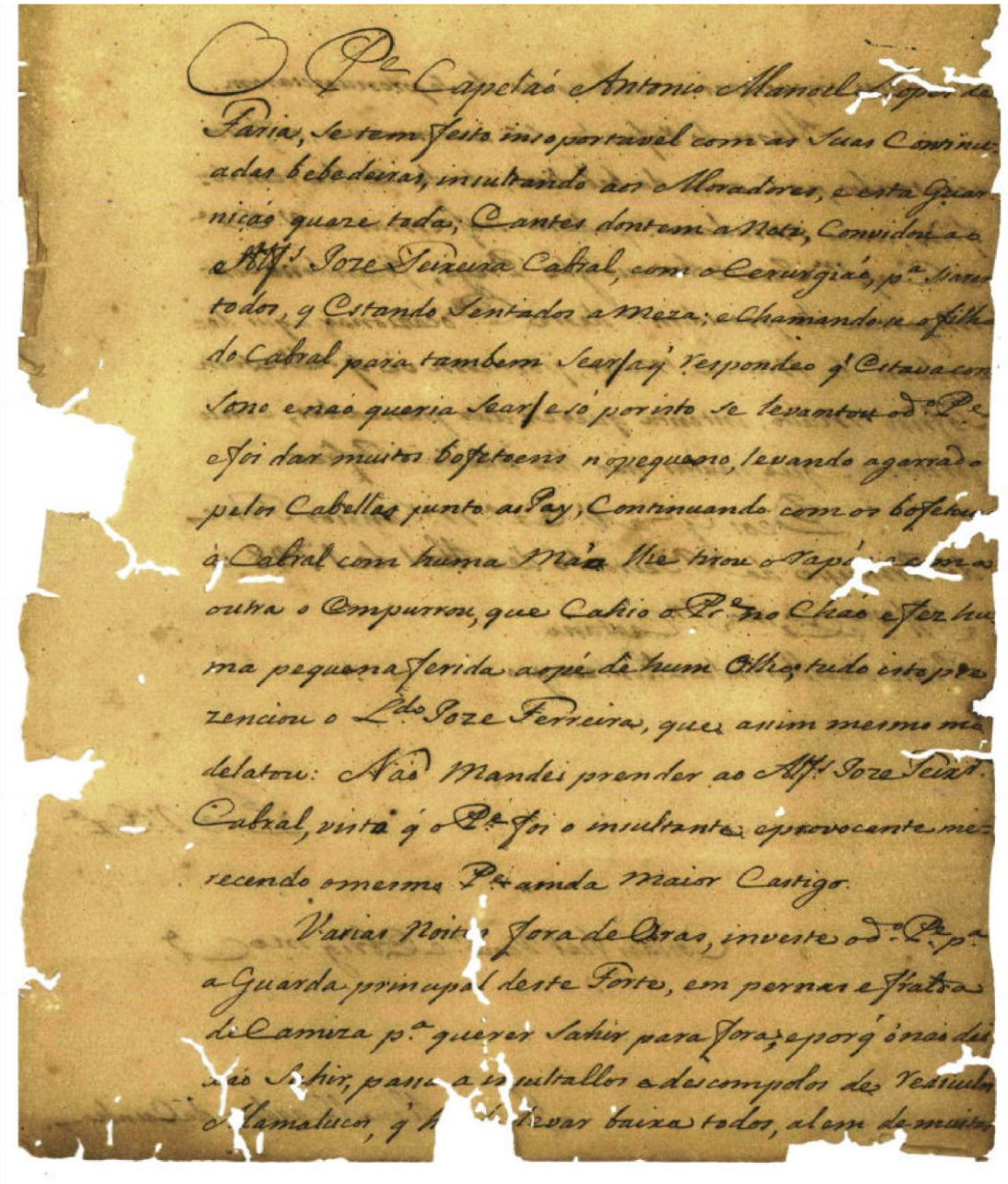
Fundo: ACBM – IPDAC
Acesso – Pasta 69 – nº 1410
Ofício de José Manuel Cardoso da Cunha a Caetano Pinto de Miranda Montenegro denunciando as constantes bebedeiras do Capitão Antônio Manuel Lopes
Forte do Príncipe da Beira, 16 de abril de 1879

Porém, ao realizar a transcrição do manuscrito para a análise, constatamos um equívoco na datação do documento. Em sua ficha consta a data de 1879 e no manuscrito a data é 1798. Possivelmente foi uma confusão de digitação que pensamos ser conveniente relatar aqui por conta da discrepância dos anos, o que modificaria toda a pesquisa.

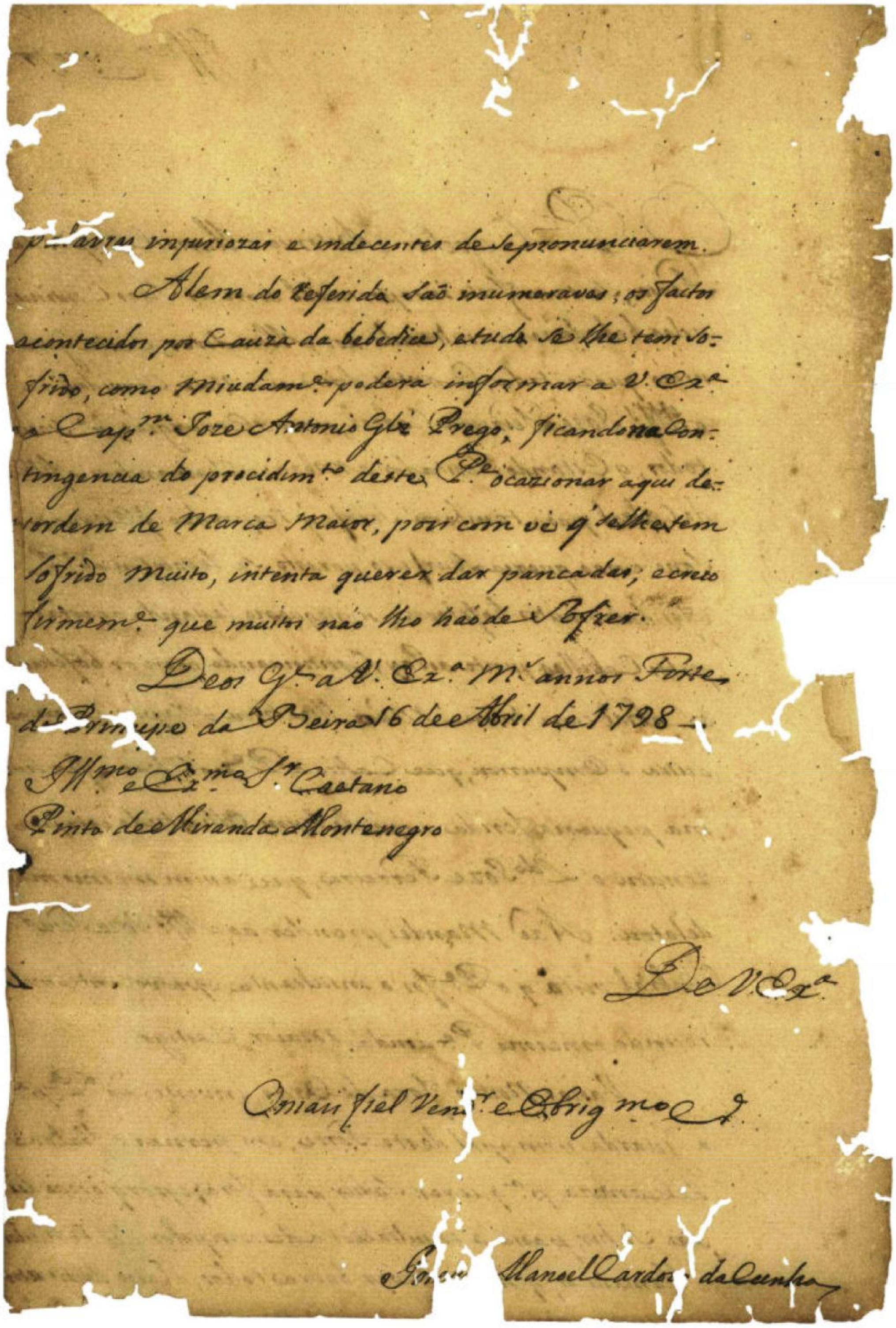
[3] Projeto de âmbito nacional dividido em equipes regionais por todo o país voltado à investigação da história linguística do Português Brasileiro.
[4] SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica:* crítica textual. São Paulo, Cultrix/Universidade de São Paulo, 1977, p. 77-79.
[5] CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 90-97.

Para a formatação da transcrição, nos apoiamos nas Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos (NTTEDM) de 1993 (Araújo).[6] Normas estas que estiveram disponíveis, por um determinado tempo, na página do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ.

Edição Fac-similar



[6] BERWNAGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos*. IN: Noções de paleografia é diplomática. 3 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.



palavras injuriozas e indecentes de se pronunciarem.
Alem do referido são inumeraveis os factos
acontecidos por Cauza da bebedice, e tudo se lhe tem so-
frido, como miudamte poderá informar a V. Exa
o Capm Joze Antonio Glz Prego, ficando na con-
tingencia do procedimto deste Ce ocazionar aqui de-
sordem de Marca Maior, pois com vê q. se lhe tem
sofrido muito, intenta querer dar pancadas, e creio
firmemte que muitos não lho hão de sofrer.
Deos Ge a V. Exa Ms annos Forte
do Principe da Beira 16 de Abril de 1798.
Illmo e Exmo Sr Caetano
Pinto de Miranda Montenegro

De V. Exa

Criado fiel Venor e Obrigmo

[illegible] Manoel Cardoso da Cunha

Edição Semidiplomática

[fl. 1r]

Illustrissimo Excelentissimo Senhor
O Padre[7] Capelaó Antonio Manoel Lopes de
Faria, se tem feito insoportavel com as suas continu =
adas bebedeiras, insultando aos Moradores, e esta guar
niçaó quaze toda; e antes dontem a noti, convidou ao
Alferes Ioze Teixeira Cabral, com o cerurgiaó, para siares
todos, que estando sentados a meza; e chamando-se o filho
do Cabral para tambem sear/ a que respondeo que estava com
sono e naó queria sear/ e só por isto selevantou o dito Padre
e foi dar muitos bofetoens no pequeno, levando agarrado
pelos cabellos junto ao Pay, continuando com os bofetoens
à Cabral com huma maó lhe tirou o [ilegível] e com a
outra o empurrou, que cahio o Padre no chaó e fez hu
ma pequena ferida ao pé de hum olho; tudo isto pre
zenciou o Licenciado Ioze Ferreira, que assim mesmo mo
delatou: Nao mandei prender ao Alferes Ioze Teixeira
Cabral, vista que o Padre foi o insultante e provocante me =
recendo o mesmo Padre ainda maior castigo.
Varias noites fora de oras, investe o dito Padre para
a guarda principal deste Forte, em pernas e [?]
de camiza para querer sahir para fora; e porque ó naó dei
xaó sahir, passa a ensultallos a descompolos de rediculos
Mamalucos, que h[ilegível] levar baixa todos, além de muitas

[fl. 1v]

palavras injuriozas e indecentes de se pronunciarem.
Alem do referida saõ inumeravos, os factos
acontecidos por cauza da bebedice, e tudo se lhe tem so =
frido, como miudamente podera informar a Vossa Excelencia
o Capitam Ioze Antonio Gonçalvez Prego, ficando na con =
tingencia do procidimento deste Padre ocazionar aqui de =
sordem de marca maior, pois comvem que se lhe tem
sofrido muito, intenta querer dar pancadas; e creio
firmemente que muitos naó lho haó de sofrer.
Deos guarde a Vossa Excelencia muitos annos Forte
do Principe da Beira 16 de Abril de 1798 –
Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Caetano
Pinto de Miranda Montenegro
De Vossa Excelencia
O mais fiel venerador e obrigandomo [ilegível]
Iose Manoel Cardoso da Cunha

3. Paleografia

Ao analisar documentos antigos conseguimos ter uma amostra do estado da língua portuguesa na época e Coutinho[8] afirma que a ortografia portuguesa tem sua história marcada

[7] FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas:* manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
[8] COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976, p. 71.

por três períodos, sendo eles: o fonético, pseudoetimológico e o simplificado. No período pseudoetimológico há muita influência do Renascimento, o que possibilitou a volta do vocabulário em latim. O documento analisado é de 1798, portanto, pertencente ao período pseudoetimológico e Santiago-Almeida[9] afirma ainda que:

> "a ausência de uma norma de fato para a escrita fez com que, principalmente no século XVIII, se apresentasse uma grafia variável, oscilante, emergindo ainda traços da modalidade oral, resquícios da fase da ortografia fonética, própria do período arcaico, em que os textos, revelam frequentes situações de polivalência e de poligrafia."

No manuscrito, observam-se características desse período,[10] nos exemplos:

- Consoantes dobradas além do *r* e do *s*: <cabellos> (1r - 11), <ensultallos> (1r - 22) e <annos> (1v - 33);
- Uso de *oens*, como em <bofetoens> (1r - 10 e 11);
- Uso de *z*, como em: <quaze> (1r - 5), <meza> (1r - 7), <pre-zenciou> (1r - 14 e 15), <camiza> (1r - 21), <cauza> (1v - 26) e <ocazionar> (1v - 29);
- Uso da letra ramista *i* no lugar do *j*: <Ioze> (1r - 6, 15, 16. 1v - 28, 39);
- O encontro consonantal como em: <factos> (1v - 25);
- O uso de *h* no início de palavra: <huma> (1r - 12, 13 e 14) e <hum> (1r - 14);
- O uso de *h* separando vogais em hiato: <cahio> (1r - 13) e <sahir> (1r - 21 e 22).

4. Contexto Sócio-histórico

Como podemos observar, o assunto da carta escrita relata uma denúncia. Conforme Barroso[11], durante todo o processo construtivo do Forte Príncipe da Beira haviam anotações como registro do dia a dia, a fim de manter o governo informado, desde o envio de trabalhadores até suas dificuldades na ausência de materiais, suprimentos, fardamentos, preocupações com as sezões e mortes, que seriam causas para os atrasos da obra, e punições para os que desobedeciam ao regimento. No entanto, percebemos nesta transcrição que esse tipo de denúncia permanece para além da finalização dessa fortaleza, que segundo Barroso data entre 1775 a 1783. O documento analisado data do ano de 1798, período do governo de

[9] SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel M. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana:* Traços de língua antiga preservados no Brasil (Manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII). Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000, p. 181.

[10] Usamos esses referenciais teóricos que justificam nossa escolha de manutenção da grafia. MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico:* fonologia. São Paulo: Contexto, 2001, p. 80; e SAID ALI, M. *Gramática Histórica de Língua Portuguesa.* São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001, p. 36.

[11] BARROSO, Lourismar da Silva. *Real Forte Príncipe da Beira:* ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775-1783). Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Versos Serenos, 2015.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o qual aumentou a guarnição do Forte Príncipe da Beira,[12] sendo fundador o Capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o qual um ano antes da construção desta fortaleza às margens do rio Guaporé, em 1775 realiza a Construção do Forte de Coimbra, às margens do Rio Paraguai; em 1776 fundou a povoação "Viseu", para garantir o domínio do território situado entre o Forte Príncipe e Vila Bela da Santíssima trindade; em 1778, Vila Maria (atual Cáceres) para conectar a Vila de Cuiabá e a da capital. Territórios que serviram como ponto de fixação na fronteira setentrional da América do Sul, especialmente no desconhecido trecho que mediava os rios Jauru e Guaporé.[13]

É no século XVIII que observamos o processo de colonização da fronteira Oeste de Mato Grosso em territórios conquistados no século XVI. Com isso, há construções de fortes e fortalezas, principalmente no período da política pombalina, responsável por essa intensificação, cujo comprometimento foi garantir, fixar, defender, explorar e expandir o domínio da coroa portuguesa na posse dessas áreas. Estas conquistadas pelo avanço bandeirante durante o governo dos primeiros capitães-generais de Mato Grosso, que foram marcando uma história de domínio e de preservação do território português na América do Sul.[14] Nesse período colonial, como caracteriza Siqueira, a sociedade mato-grossense era composta por homens livres, os quais compreendiam a elite (fazendeiros, grandes comerciantes, burocratas do estado), a camada média (profissionais liberais, baixo clero, professores, funcionários públicos, militares, pequenos comerciantes), os homens livres pobres (soldados, trabalhadores das minas, pequenos agricultores e desempregados) e era composta pelos escravos, isto é, negros africanos, descendentes e os índios. Estes que em um contexto de resistência, lutam pela posse de terras, são utilizados como mão de obra escrava, são colaboradores, sofrem com o impacto gerado pelos colonizadores e com outros desfavorecidos de bens, enfrentaram a pobreza na região mineira cuiabana, agravada pela falta de alimento.[15]

De acordo com Barroso, no processo de construção do Real Forte Príncipe da Beira há mão de obra especializada de brancos e escravos, uma qualificação e instrução da mão de obra indígena e a participação de trabalhadores livres, em meio à limitações enfrentadas no

[12] PORTAL MATO GROSSO. MONTENEGRO (Caetano Pinto de Miranda). Disponível em: <https://portalmatogrosso.com.br/matopedia/montenegro-caetano-pinto-de-miranda/18580> Acesso em: 20 de março de 2020.
[13] SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso:* da ancestralidade aos dias atuais. 2 ed. atual. e ampl. Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora, 2017, p. 57.
[14] Ibidem, p. 56 e 67.
[15] Idem, p. 59.

transporte de materiais para a obra, escassez de matéria prima e doenças tropicais como a malária que assolou a maioria dos trabalhadores, além das constantes ferradas de mosquitos dia e noite, o que gerava prejuízos no andamento das atividades. Entretanto, como relata Barroso,[16] não faltava disposição e solidariedade.

[16] BARROSO, Lourismar da Silva, op. cit., p. 88-89.